

A FRANQUEIRA

ÓRGÃO DA CONFRARIA DE NOSSA SENHORA DA FRANQUEIRA
APROVADO E ABENÇOADO POR SUA EX.ª REV.ª O SENHOR ARCEBISPO PRIMAZ

C. M. B.
BIBLIOTECA

Redacção:

L. do Dr. Martins Lima, 25-24 — BARCELOS

Director e Editor:

PADRE BONIFACIO LAMELA

Administração:

R. D. António Barroso, 110-112
Telef. 8379 — BARCELOS

Composição e impressão:

Esc. Tip. da Oficina de S. José—BRAGA

Propriedade da Confraria de Nossa
Senhora da Franqueira

ASSINATURAS | Anual 6\$00
De beneméritos 10\$00

CONDE DE VILAS BOAS

O português ilustre, o barcelense que à sua terra natal dedicou sempre o maior carinho e acrisolado amor, a quem a Pátria e Barcelos mereceram os mais desvelados sacrifícios e desinteressados serviços, o marinheiro audaz que no Portugal Ultramarino constelou o forte peito de brilhantes condecorações, sucumbiu, na Paz do Senhor, no seu Paço desta cidade ao romper da manhã do dia 3 de Dezembro de 1951.

Barcelos cobriu-se de luto pela perda de um dos seus mais prestimosos e inclitos filhos, e sentirá por muito tempo a falta do barcelense que tanto trabalhou pela sua terra, e que muito a dignificou e amou.

O Conde de Vilas Boas que era o representante de uma das mais nobres famílias de Entre Douro e Minho, ligado por parentesco às mais fidalgas casas de Portugal, soube, desde muito novo, honrar os seus Maiores, tornando-se digno continuador daqueles que lhe legaram os apelidos que com legítimo orgulho usou.

Na História de Portugal, ao lado dos Heróis que no final do século XIX, sob o comando de Mousinho de Albuquerque, nas campanhas de Gaza, Macotene, Barué, etc, tão alto levantaram o nome da sua Pátria, ficará para sempre gravado o nome do heróico oficial da Armada Real Portuguesa— Fernando de Magalhães e Menezes, 1.º Conde de Vilas Boas.

Se para com a Pátria soube bem cumprir o seu dever, também muito trabalhou pelo progresso e bom nome de Barcelos, conquistando o indeclinável direito de figurar na *Galeria dos Barcelenses Ilustres*.

Como Presidente da Câmara de Barcelos, desenvolveu inconcebível actividade, dotando com edificios escolares algumas freguesias do Concelho, aumentando grandemente a rede de estradas. Na cidade, além de muitas obras de

carácter urgente, demoliram as casas que afrontavam o edificio dos Paços do Concelho e erigiu nesse lugar o elegante monumento ao também grande português e barcelense ilustre D. António Barroso, o sempre chorado Bispo do Porto.

Ordenou o arranjo do salão nobre do Paços do Concelho e levou a efeito com raro e incedível brilho o 1.º Congresso



Missionário, de repercussão mundial, e muitas outras obras de elevada inspiração.

Inteligência esclarecida, dotado de superior erudição, o Conde de Vilas Boas encarava os problemas de maior interesse, solucionando-os com clareza e precisão, como só os homens de superior envergadura mental sabem resolver.

A Franqueira, a preciosa joia de Barcelos, o centro de atracção turística, o local de devoção Mariana, mereceu do Conde de Vilas Boas a melhor das suas atenções, derivando da freguesia de Pezreia, para a sede do Concelho, a direcção da Confraria, confiando-a a uma Comissão administrativa que logo iniciou os trabalhos de embelesamento do Monte.

Concluiu o corte da estrada iniciada pelo ilustre filho de Barcelos, brigadeiro Francisco Caravana, que segue da freguesia do Carvalhal à Ermida da Franqueira.

Sempre pronto a atender em tudo quanto lhe fosse pedido em beneficio da Franqueira, era com carinho, solicitude e entusiásticas palavras de encorajamento que recebia no gabinete da presidência a Comissão Administrativa da Confraria de Nossa Senhora da Franqueira.

Fez muito, foi mesmo além daquilo que lhe era possível, pelo engrandecimento da Franqueira, dadas as exíguas verbas orçamentais de que dispunha.

Ao traçar estas breves linhas de justa, sincera e sentida homenagem, recordamos com imensa saudade a perda do maior barcelense que também foi o maior amigo da Franqueira.

Não há muito tempo ainda, planeou e levou a cabo com extraordinário e incedível brilho, no local onde se encontram as ruínas do famoso Castelo de Faria, a evocação histórica do feito memorável do alcaide Nuno Gonçalves de Faria.

Foi uma lição de civismo, uma dívida em aberto que há séculos estava por saldar ao barcelense que hoje e sempre simbolisa a lealdade ao Rei e à Pátria.

Evocação magnífica que chamou ao Monte da Franqueira, representações das forças armadas de Terra, Mar e Ar e que no local reuniu altas patentes do Exér-

(Continua na 3.ª página)

Padre António Gomes da Costa

(Capelão da Confraria de Nossa Senhora da Franqueira)

Na manhã do dia 21 do corrente mês fomos dolorosamente surpreendidos com a infausta notícia de haver falecido nesta cidade, na sua casa sita à rua da Madalena, o Rev. Padre António Gomes da Costa.

De compleição robusta e apresentando excelente saúde, ainda há três dias o havíamos visto numa das ruas da cidade, nada fazendo prever tão fatal desenlace.



Padre António Gomes da Costa

Carácter íntegro, dotado dos mais belos dotes de coração o Rev. Padre António Gomes da Costa, era muito considerado por todos quantos o conheciam e a todos deixa imensas saudades.

Capelão da Confraria de Nossa Senhora da Franqueira, foi com incedível zelo e dedicação que exerceu este honroso cargo, mais por amor do que pelos magros proventos que auferia.

Paroquiou durante muitos anos as freguesias de Creixomil e Santa Maria de Galegos, deste concelho, assinalando a sua passagem com importantes obras que muito beneficiaram as paróquias, tanto sob o ponto de vista material como religioso.

O seu funeral que constituiu uma impressionante manifestação de pesar, realizou-se no dia 22, da sua residência para a Capela de S. José, de que também era Capelão, onde se celebraram Resposos e Missa de corpo presente, seguindo depois para a freguesia da Ucha, onde foi sepultado.

Pela alma deste exemplar sacerdote que foi um dedicado amigo da Franqueira, pedimos aos nossos leitores uma prece.

Verdade de Hoje

As Verdades cristãs, as boas verdades, são de ontem e de hoje e serão de sempre. Deus é quem é, O que foi e será. Sempre o mesmo na sua essência. É o Senhor dos séculos dos séculos.

Mas sempre novo nas criações; na criação dos Espíritos, na criação do Mundo, na criação do Homem.

Sempre novo na renovação permanente da Vida, no gravitar dos astros, na perpetuação dos séculos.

Deus sempre o mesmo e sempre novo!

As suas Verdades, a Lei que nos deu e as Revelações d'Ele recebidas, sempre as mesmas e sempre novas!

E as suas palavras são eternas, contra elas nada prevalecerá. Assim no-lo garantiu e a sucessão dos séculos o demonstra. Contra elas nada poderão, nem a loucura nem a insassatez nem a maldade.

O homem porém é que nem sempre as compreende e respeita. Criado no paraíso, onde Deus o rodeou de beusses, o primeiro homem deixou entrar a ambição no seu coração e pecou. Satânicamente tentado, julgou poder encontrar o bem e a felicidade fora de Deus. E nesta loucura, faltou às ordens do Senhor, sendo inexoravelmente castigado.

Nesde então os seus filhos teimam em repetir o mesmo pecado, no amargo prazer de comer o fruto proibido.

O homem sonhou — e ainda hoje sonha — que o fim e a felicidade os pode encontrar fora de Deus, princípio e fim de tudo. Criado, este mortal, à imagem e semelhança de Deus, recebeu d'Ele dotes especiais, que o distinguem e extremam da restante criação terrena. Mas esses dotes o homem aplica-os a procurar fins diferentes e contrários ao seu fim e até à sua existência.

Veio Nosso Senhor Jesus Cristo, à terra redimir os homens, reavivar a Lei e trazer novas Revelações. Veio ensinar — com o seu exemplo e com as suas palavras. Veio pregar o perdão, o amor e a fraternidade. O perdão, que é um dever recíproco e incondicional; o amor que é a sublimação da vida; a fraternidade, a fraternidade cristã, a única que manda amar o próximo como a nós mesmos.

Mas o homem, cego, de insassatez, continua a desprezar a palavra do Senhor e a pecar.

De tal desprezo, resultam os males que o mundo está a sofrer e os perigos que nos ameaçam.

Esta, a verdade de hoje.

Para os vencer, para afastar esses perigos, todos apontam o antídoto indicado: a recriação da sociedade, nas bases do amor, do perdão e da caridade cristã.

Pecamos à Virgem Santíssima da Franqueira que abençoe os nossos intentos e que nos auxilie nesta cruzada, para salvação da civilização e da humanidade.

M.G.P.

Estrada da Franqueira

A Câmara Municipal, precedendo concurso público, adjudicou o empedramento da estrada de Carvalhal ao Convento da Franqueira, na extensão de 1.675,82 metros 2.ª fase da obra de construção da E. M. de Barcelinhos à Franqueira.

Grande melhoramento é este e que muito vai contribuir para o melhor acesso ao local mais belo do norte de Portugal.

Barcelos no século passado

O acaso ou a sorte mais do que a argúcia ou o talento a meus olhos largos gramas de papéis, mais velhos uns mas todos cheios de encanto local.

Pobre terra provinciana a nossa — em grande e rica transformada no amor dos seus filhos — tomos de lhe adivinhar na sua história as grandezas e misérias por que passou, escritas em outros tantos gramas de papel que se terão perdido.

* * *

Se em 1860 se gastaram no nivelamento de uma parte do Campo da Feira 58\$020; se em 5 de Janeiro de 1861 Domingos José Resende oferece à Câmara um quadro o óleo representando as margens do Cávado chamando-lhe o autor *pobre produzcam*; se em 1857 se gastaram 360 reis com a remoção para o claustro — (da Câmara) — de várias pedras que contém *disticos antigos*, pedras essas tirados das antigas paredes dos Paços do Concelho; e se ainda no mesmo ano de 57 só um licitante — a quem se entregou o ramo — compareceu à arrematação por 38\$400 para a limpeza e reparação nos aquedutos e tanques para água, não é menos certo que em 1850 já se pensava fazer um passeio público, com vistas sobre o Rio Cávado. Como se pensava?

Destruindo o Palácio e — para salvar a recordação da existência daquele antigo Palácio — colocar, ou no centro ou no lugar mais apropriado, huma Memória.

Obra linda que nem vestígios deixaria, já que na petição feita se diz não só ser indispensável o aproveitamento do terreno, mas ainda *desmorrar os restos do referido Palácio e aproveitar a pedra para construção de um muro*.

¿Seguiu ao seu destino este furioso e infeliz documento, termómetro da sua época?

Tudo nos leva a concluir pela afirmativa, pois a lápis contém, à margem, a nota de Rem. com of.º N.º 13 de 13/4.

¿Mão própria o levou?

Calculemos que sim, e por certo a mesma que o arquivou por não lhe ter dado andamento.

O certo é que 24 anos e dois meses mais tarde a Casa de Bragança concedia à Câmara o Palácio — chamado já Torres — para outro destino.

* * *

Como se vê a ideia do passeio com vistas sobre o Cávado tem pelo menos 102 anos.

¿Que diriam os barcelenses de então se vissem como podia ter sido realizado?

O bicho da traça

Indulgencias Concedidas

à Confraria de Nossa Senhora da Franqueira

Desconhecendo-se as graças concedidas pela Santa Igreja aos irmãos da muito antiga confraria de Nossa Senhora da Franqueira, a mesa publica a seguir o *Breve*, de Sua Excelencia Reverendissima o Senhor Arcebispo Primaz, pelo qual se pode tomar conhecimento dos grandes privilégios concedidos aos irmãos desta Confraria.

Além destas indulgências e em cumprimento do que no estatuto, está estabelecido, são mandadas celebrar 20 missas em cada ano pelos irmãos vivos e falecidos.

A entrada para irmão é de 25\$00, pago por uma só vez.

DOM JOSÉ JOAQUIM D'AZEVEDO
E MOURA

Por mercê de Deus e da Santa Sé Apostolica Arcebispo e Senhor de Braga, Primaz das Hespanhas &.

Aos que este edital virem, saude e paz em Jesus Christo Nosso Senhor e Salvador

Fazemos saber, que Sua Santidade o Summo Pontifice Pio IX, Que ora preside á Igreja de Deus. Se dignou a Conceder por Seu Breve de onze de Novembro, do anno proximo findo, á confraria de Nossa Senhora da Franqueira, erecta na freguezia de Pereira, d'este Nosso Arcebispado, as graças e indulgencias seguintes:

A todos os fieis christãos de ambos os sexos, que arrependidos, confessados, e refeitos com a Sagrada Eucharistia, assim aos já inscriptos n'esta confraria, como aos que de futuro n'ella se inscreverem, no primeiro dia de sua entrada, Concede Sua Santidade Indulgencia Plenaria.

A cada um dos irmãos e irmãs, que em artigo de morte verdadeiramente arrependidos, confessados e refeitos com a Sagrada Eucharistia, ou quando isto fazer não possam, ao menos contrictos devotamente invocarem o Santissimo Nome de JESUS, se com a boca o poderem fazer, se não com o coração, Indulgencia Plenaria.

Aos irmãos e irmãs, que agora são, e para o futuro forem, da mesma confraria, que verdadeiramente arrependidos, confessados e refeitos com a Sagrada Eucharistia visitarem devotamente em cada anno a Igreja, capella, ou oratorio d'esta confraria no dia da festa principal, que, por supplica da mesma confraria, designamos seja no domingo infra octava de Assumpção de Nossa Senhora, ou que em qualquer dos seguintes sete dias immediatos fizerem a mesma visita, e ahí orarem a Deus pela concordia entre os Principes Christãos, extirpação das heresias, e exaltação da Santa Madre Igreja, Indulgencia Plenaria, e remissão de todos seus peccados.

Aos irmãos e irmãs, que ao menos contrictos em seu coração, da mesma forma supradita visitarem e orarem na dita Igreja, capella ou oratorio da mesma confraria no dia primeiro de Janeiro, Assumpção do Senhor, domingo da Santissima Trindade, e no dia seis de Agosto em cada um dos quatro referidos dias, que isto fizerem, sette annos e sette quarentenas.

Todas as vezes que assistirem ás missas e officios divinos na dita Igreja, capella ou oratorio, ou a quaesquer procissões, que, de licença do ordinario se fizerem, e acompanharem o Santissimo Sacramento assim em procissões, como indo por viatico aos enfermos, ou, quando por impedidos, ouvindo o signal dado para isto, rezarem um Padre Nosso e uma Ave Maria, ou tambem rezarem cinco Padre Nosso e cinco Ave Maria pelas dos defuntos irmãos e irmãs, d'esta confraria, ou praticarem qualquer obra de piedade e caridade, Concede Sua Santidade, na forma costumada da Igreja, sessenta dias de relação de penitencias impostas, ou por qualquer outro modo devidas.

As quaes Indulgencias, remissões de peccados e relaxações de penitencias, são perpetuamente concedidas; e todas e cada uma de per si podem ser applicadas por modo de suffragio pelas almas dos fieis christãos, que passaram d'este mundo unidos em graça e amor de Deus.

E para assim constar Mandamos passar pela Nossa Camara Ecclesiastica, o presente edital. Dado em Braga sob Nosso Signal e Sello d'esta Corte aos sette dias do mez de Janeiro de mil oito centos setenta e um. E eu José Luciano Gomes da Costa, secretario da Camara Ecclesiastica, o subscrevi.

José, Arcebispo Primaz
V. S. S. Ex. C.^a
Costa

Ao Sinal 80
Ao Sello 10
Desta e estp.^a 540

Edital de publicação de Indulgencias concedidas á Confraria de Nossa Senhora da Franqueira, erecta na freguezia do Salvador de Pereira.

CONDE DE VILAS BOAS

(Continuação da 1.^a página)

cito e da Armada e as familias em cujas veias gira o sangue do Alcaide.

Quem estas linhas escreve muito se honrou com a amizade do Conde de Vilas Boas e poucos dias antes da sua inesperada morte, havia combinado com este barcelense, sob todos os titulos illustre, a criação, em Barcelos, do Museu D. António Barroso.

Vamos pois tentar com o auxilio de dedicados barcelenses, respeitando a memória do nobre Conde de Vilas Boas,

Barcelos há 43 anos

Peregrinação

A Comissão que promove a peregrinação à Virgem da Franqueira, no próximo dia 26 de Setembro, tem-se reunido todas as sextas-feiras, na sede da Associação Commercial, podendo assistir às mesmas reuniões os representantes da imprensa e todos os que se interessarem pelos melhoramentos daquele local — o Monte da Franqueira.

Na sessão de ontem resolveu a comissão:

Realisar-se um tríduo nos dias 23, 24 e 25, na Ordem Terceira, havendo nestes dias padres para a preparação, e comunhão no sabado e domingo de manhã.

Pedir ao sr. Bispo do Porto, nosso querido e illustre patricio, para presidir á peregrinação; e que se faça com brevidade um varandim na frente da Ermida da Franqueira, afim de dele se celebrarem missas campais e outros actos religiosos.

Há grande entusiasmo, principalmente nas aldeias, por esta Peregrinação.

De "O Comercio de Barcelos",
de 28 de Agosto de 1909

CARTA À MÃE

A vós, minha boa e querida Mãe, que o sois do Céu, da terra e minha, mando esta a saudar-vos, lá no Monte da Franqueira, do intimo da alma, com todo o meu coração pela vossa Assumpção, em corpo e alma, ao Céu.

Estou longe com o corpo da vossa bendita imagem, mas sempre pertinho com o pensamento e affecto, em gratidão da doce protecção, que sempre aí me dispensaste.

Assumi, Mãe Santissima da Franqueira, o o honroso encargo de vosso Mordomo, e enquanto vivo for jamais declinarei essa honra, pois que estou certo que vós não declinareis a mordomia de que o Senhor vos encarregou em ordem a este vosso indigno servo.

Entre os homens, boa Mãe, há um ditado: — longe da vista, longe do coração — mas que o vosso servo não vos esquece; e, para compensar os desgostos que vos tenho dado, farei de futuro por vos tornar mais conhecida, mais amada, mais confiada.

As circunstâncias da minha debilitada saúde e de minhas occupações não me permitirão ascender á montanha sagrada da Franqueira, como muitas vezes fiz, quando morava junto de vosso ermitério; contudo, ainda não é de vez que da vossa milagrosa imagem me despeço, pois que vos visitarei na primeira oportunidade, e, oxalá, ela se ofereça em breve.

Peço-vos, Mãe da Franqueira, que aceiteis estes pobres arrazoados; prometo continuá-los, se vós deles deres resposta ao intimo da minha alma, como peço e espero.

Esta pobre missiva a entrego nas mãos do Menino Jesus, que me prometeu fazer-vos ciente de seu conteúdo.

Pica esperando carinhosa resposta este vosso

Indigno Servo

reunir em um salão tudo quanto tenha ligação com o egrégio Prelado.

Depois da morte do Conde de Vilas Boas, é este o primeiro numero de «A Franqueira» que se publica, e não queremos deixar de arquivar nas suas columnas o nosso preito de gratidão e saudade bem sentida, pedindo aos irmãos da Confraria de Nossa Senhora da Franqueira um Pai-Nosso pelo eterno descanso da sua alma.

De colaboração

A Franqueira

Perde-se na bruma dos tempos, segundo o testemunho de Alexandre Herculano a história da Franqueira, vista pelo lado do Castelo de Faria, cujas ruínas hoje são património nacional.

Esse local, onde existiu importante povoação pré-romana, foi altar de um dos mais heroicos e briosos feitos da história nacional: O alcaide Nuno Gonçalves, preso dos castelhanos, a quem arditamente fez que o levassem até ali, aconselhou perante a surpresa dos inimigos, a resistência do filho, na defesa do Castelo, cuja guarda lhe confiara ao sair. E brandando-lhe: «Maldito por mim supultado sejas tu no inferno, como Judas o Traidor na hora em que os que me cercam entrarem nesse castelo, sem tropeçarem no teu cadáver», o fiel e heroico alcaide caiu varado pelas lanças dos Castelhanos.

Foi no reinado do rei D. Fernando que decorreu este acontecimento que para sempre havia de consagrar o nome do Castelo e da Franqueira.

Mas uns dois séculos antes a Franqueira já se tornava célebre para a história nacional, no duplo aspecto patriótico e religioso.

Encontrava-se no Castelo de Faria igualmente em aperto com inimigos, D. Afonso Henriques, acompanhado de seu aio D. Egas Moniz. Este, perante o perigo, invocou a Virgem Santíssima e prometeu-lhe que se a dificuldade fosse vencida, mandaria erigir no cimo do monte uma ermida dedicada ao culto de Nossa Senhora, e assim fez.

Esta a razão da fundação da quase milenária ermida de Nossa Senhora da Franqueira, nascida em Portugal, e por Portugal.

A ermida está ligada ainda a um outro dos grandes factos nacionais: O altar-mor de Nossa Senhora da Franqueira, que é de mármore, foi mesa pertencente ao último senhor moiro de Ceuta, de cuja conquista a trouxe D. Afonso genro de D. Nuno Alvares Pereira e Conde de Barcelos e primeiro Duque de Bragança. Lembra essa mesa, hoje altar, a gratidão dos barcelenses à Santíssima Virgem, a quem pediram protecção na conquista daquela cidade moira, o primeiro feito dos portugueses no início das conquistas e descobertas que novos mundos deram ao mundo.

A franqueira assinalou-se ainda pela presença durante séculos de eremitas e monges, estas com o cenóbio que ainda hoje admiramos.

Eis as razões das constantes romagens à Franqueira de visitantes nacionais e estrangeiros. Sábios e literatos, poetas e artistas, crentes e turistas — todos se sentem seduzidos por essa maravilhosa estância. E o nosso povo, o generoso e bom povo barcelense orgulha-se da Franqueira como

10 de Setembro 1950

Esta data assinala um dia festivo e de transcendente elevação espiritual. A comissão da presidência do ilustre português e descendente da mais nobre Família barcelense sr. Conde de Vilas Boas, conseguiu realizar a mais brilhante e evocativa reconstituição histórica do feito de Nuno Gonçalves, Alcaide do Castelo de Faria.

Honra-se "A Franqueira", em arquivar nas suas colunas o magnífico e vibrante discurso então proferido sobre as ruínas da Torre de Menagem do famoso Castelo de Faria, por sua Ex.^a o Sr. Capitão Aires Martins, do Estado Maior:

Dign.^{os} Descendentes dos heroicos guerreiros do Castelo;
Ex.^{mo} Representante do Venerando Chefe do Estado;
Ex.^{mo} General Comandante da Região;
Ex.^{mas} Autoridades Eclesiásticas, Políticas e Administrativas;
Ex.^{ma} Comissão Organizadora;
Minhas Senhoras meus senhores;
Soldados de Portugal.

Foi em 21 de Fevereiro 1373!

Uma capela pequenina lá no alto, neste Monte da Franqueira, e um Castelo neste mesmo sítio, que constituía uma fortaleza inexpugnável, dominavam, pela sua posição de comandante, esta vasta região que se desdobrava em todos os sentidos; anterior à nossa formação nacional, esse Castelo servira a D. Afonso Henriques, em alternativa com o Castelo de Neiva, como base de partida para as investidas de armas, em recuperação das terras perdidas.

Portugal e Espanha, colocados em posições opostas, por sentimento e interesses, reviam-se frequentemente no campo de batalha. Novamente se encontravam em guerra, sob o pretexto da falta de compromisso, voluntariamente contraído em situação anterior, pelo Rei de Portugal;

por sentimento de afecto, D. Fernando renunciara a promessa de casamento com a filha do Rei de Espanha que, em desejo de vingança ou propósito de represália, põe em experiência as débeis relações que ligavam os dois povos peninsulares.

O ambiente era, pois, de guerra: Lisboa estava cercada e, no Norte iam travar-se episódios de luta.

Pedro Rodriguez Sarmiento, Adiantado da Galiza, invadiu Portugal com um exército numeroso; em práticas de terror e de pilhagem, chegara, sem grande atrazo, às proximidades de Barcelos, onde o Castelo de Faria se impunha e acreditava como objectivo de influência decisiva na estratégia de guerra de tam limitadas dimensões.

Perante o perigo, reuniram-se os fidalgos da Região, sob o Comando do Conde de Ceia, para oferecerem luta aos invasores em posições próximas do Castelo; a eles se juntara Nuno Gonçalves, Alcaide do Castelo de Faria. O combate — nova afirmação de entusiasmo e valentia dos portugueses — ia ser duro e encarniado; mas por força da grande desproporção, os lusitanos, embora lutando sempre, desorganizaram-se, foram desbaratados e tiveram que vergar-se à derrota que os dispersou, reduziu e aprisionou. Nuno Gonçalves, no momento prisioneiro de guerra dos espanhóis, era sobretudo cativo do receio de que o quadro da sua situação pudesse, de algum modo, inspirar fraquesa ou que de sentimento em seu filho — Gonçalo Nunes — era defensor do Castelo. Sobrepõe-se ao pensamento, firma uma posição calma, enfrenta a morte: oferece-se aos espanhóis para tratar com o filho a entrega do Castelo, para resgate da sua própria liberdade.

Espirito sublime, coração enorme que venia toda as emoções, dominava todos os impul-

a melhor evocação do seu passado e e como representação das suas aspirações presentes e futuras.

E' que a Franqueira realmente é altar de invocação a Deus e venerando solar deste velho e glorioso fidalgo a quem inspiradamente alguém chamou D. Portugal.

sos e exaltava o seu patriotismo: Barcelos inteiro ia ser testemunha do mais elevado e nobre exemplo de sacrificio, de dignidade e de honra. Nuno Gonçalves morre coberto de glória!

* * *

Decorre o dia 10 de Setembro de 1950. Quasi seis séculos são passados!

O som proferido ha tantos anos naquele diálogo histórico e edificante ecoou há momentos nestes mesmos sítios; penetrou nas profundezas dos vales e subiu aos cumes dos montes, levando a toda parte a recordação triste mas gloriosa do passado, a evocação de um nome imorredouro e a exaltação de uma alma nobre e fidalga.

A capela foi modificada; o Castelo de Faria quasi desapareceu na acção transformadora do homem; mas o convento, edificado com os seus materiais, ocupa um lugar próximo e domina, com significado próprio, esta mesma Região. O cenário é portanto semelhante ao de outrora.

De maneira diferente, porém, se comportaram os elementos de guerra — conceito, meios e ciência — que variaram em paralelo com a evolução da Humanidade: a luta de superfície, entre os homens, trava-se no espaço, entre as Nações; a lança o mosquete e a couraça foram substituídas pela metralhadora, pelo carro e pelo avião; a estratégia evoluiu para um sentido de generalidade e de totalidade; a distância deixou de representar qualquer influência na definição do inimigo que, hoje, está em toda a parte, sem reconhecer fronteiras nem extensões. O quadro de guerra cresceu em proporções gigantescas, enquanto as Nações, levadas pela ambição e pelo interesse, tardam em a encontrar uma solução aceitável para uma situação de equilibrio. O perigo é, dia a dia maior; a guerra parece aproximar-se a todo o momento e a paz tem o caracter de dúvida e incerteza.

Soldados!

Viesteis das vossas unidades distantes, em vosso nome, Soldados da Região de Entre Douro e Minho, e em representação de todos os vossos camaradas, Soldados de Portugal, escutar a lição da história, exprimir a vossa admiração e oferecer a vossa homenagem, numa jornada sublime e encantadora, de gratidão, em relação ao passado, mas também de enorme responsabilidade perante o presente: representais para esta boa e laboriosa gente de Barcelos, pela vossa atitude correcta e disciplinada, pelo vosso equipamento e fardamento, a afirmativa de valor e decisão para todas ameaças e a garantia do seu socego e confiança, ao mesmo tempo, renovais a vossa fé, fortaleceis a vossa coragem, exaltais a vossa lealdade e interpretaes o vosso sentimento do dever, na reconstituição histórica aqui realizada.

Demos lições ao mundo, durante séculos e em todos os cantos da terra; fixamos atitudes que foram nobres exemplos; praticámos actos que foram verdadeiros milagres. O nobre e glorioso feito de Nuno Gonçalves foi simultaneamente, um exemplo e um milagre que jamais devemos abandonar ou esquecer; ele será, para cada um de vós e em todos os actos, a imagem fiel da sua própria nobreza e dignidade, a influenciar poderosamente as vossas decisões e a projectar-se de forma positiva na elevação e valorização nacional.

Este cenário e este espectáculo são uma expressiva baliza do passado histórico que evoca uma recordação e inspira um juramento: a recordação do passado que nos honra; o juramento solene de que o honraremos, também, com os actos de disciplina e honestidade, elevação e dignidade, para prestigio, honra e glória de Portugal.

X.

Quartel General no Porto, Setembro de 1950